

**Que o mundo todo saiba que o Sul também existe |
Carta semanal 4 (2022)**



Shefa Salem (Líbia), *Vida*, 2019.

Queridos amigos e amigas,

Saudações do Instituto **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Em 19 de janeiro de 2022, o presidente dos EUA, Joe Biden, realizou uma entrevista coletiva na Sala Leste da Casa Branca em Washington. A discussão variou desde o fracasso de Biden em aprovar uma conta de investimento de 1,75 trilhão de dólares (resultado da deserção de dois democratas) até o aumento das tensões entre os Estados Unidos e a Rússia. De acordo com uma **pesquisa recente da NBC**, 54% dos adultos nos Estados Unidos desaprovam sua presidência e 71% sentem que o país está indo na direção errada.

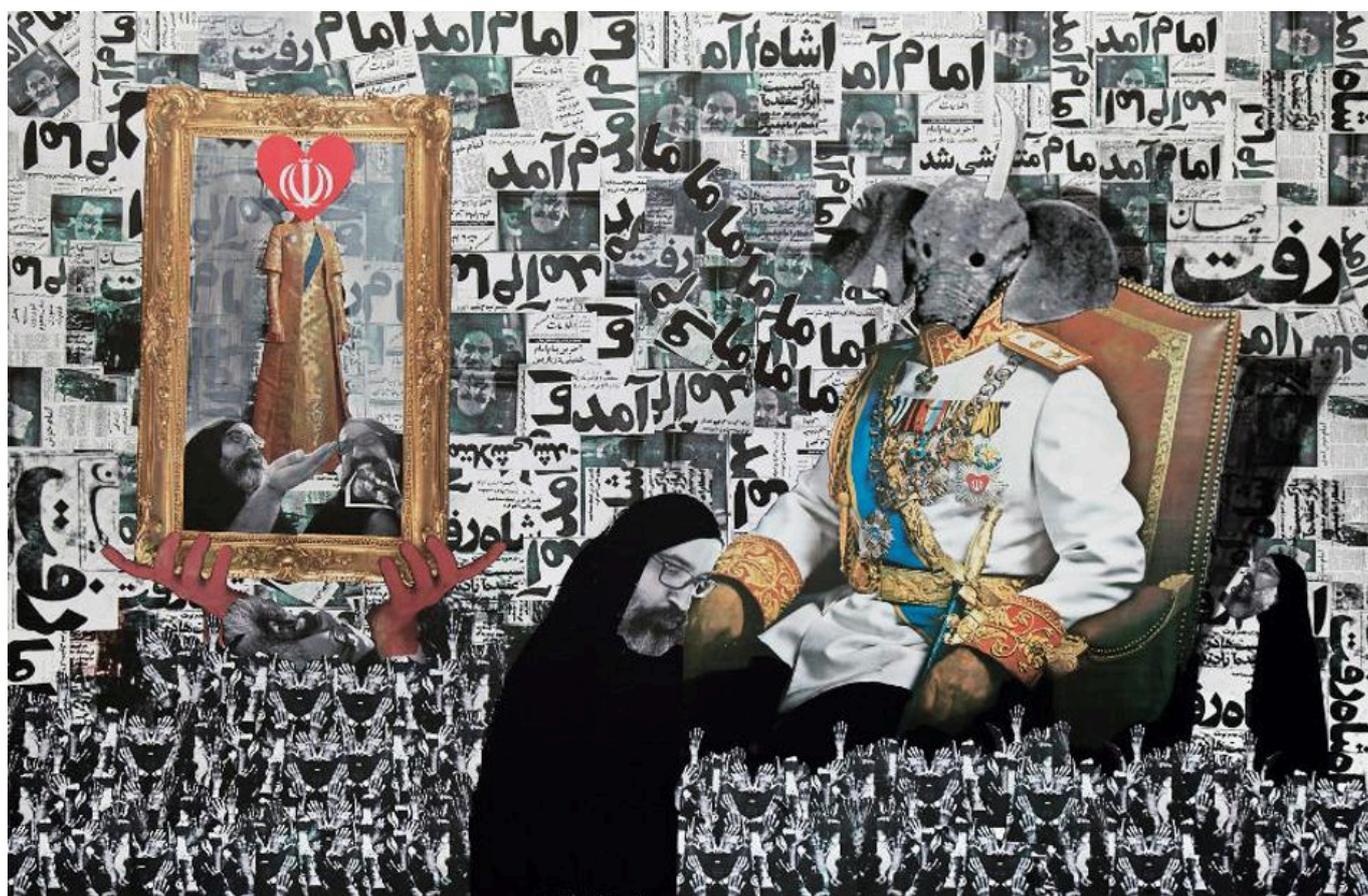
As divisões políticas e culturais que se ampliaram durante os anos Trump continuam a infligir um pesado fardo à sociedade dos EUA, inclusive sobre a capacidade do governo de controlar a pandemia de Covid-19. Protocolos básicos para evitar infecções não são seguidos universalmente. A desinformação relacionada ao Covid-19 se espalhou tão rapidamente quanto o vírus nos Estados Unidos, onde um grande número de pessoas **acredita** em inverdades: por exemplo, que mulheres grávidas não devem tomar a vacina, que a vacina promove a infertilidade e que o governo está ocultando os dados sobre as mortes causadas pelos imunizantes.



Joaquín Torres-García (Uruguai), *Barraca (a feira)*, 1917.

Na coletiva de imprensa, Biden fez uma observação sincera sobre a Doutrina Monroe (1823), que trata o hemisfério americano como o “quintal” dos Estados Unidos. “Não é o quintal da América”, disse Biden. “Tudo ao sul da fronteira mexicana é o jardim da frente da América”. Os Estados Unidos continuam a pensar em todo o hemisfério, do Cabo Horn ao Rio Grande, não como território soberano, mas, de uma forma ou de outra, como seu “quintal”. Pouco significou que Biden desse continuidade dizendo: “somos pessoas iguais”, já que a metáfora que ele usou – o jardim – indicava a atitude proprietária com a qual os Estados Unidos operam nas Américas e no resto do mundo. É essa atitude proprietária que inflama o conflito não apenas nas Américas (com epicentros em Cuba e Venezuela), mas também na Eurásia.

As negociações estão em andamento em Genebra e Viena para diminuir o conflito imposto pelos Estados Unidos e seus aliados contra o Irã e a Rússia. As tentativas dos EUA de reinserir o Plano de Ação Abrangente Conjunto (JCPOA, na sigla em inglês) sobre o programa nuclear do Irã e dominar a Europa Oriental até agora não deram frutos. As negociações persistem, mas ambas estão prejudicadas pela adoção contínua pelo governo dos EUA de uma narrativa sobre o mundo que tem como premissa sua hegemonia e uma rejeição da disposição multipolar que começou a aparecer.

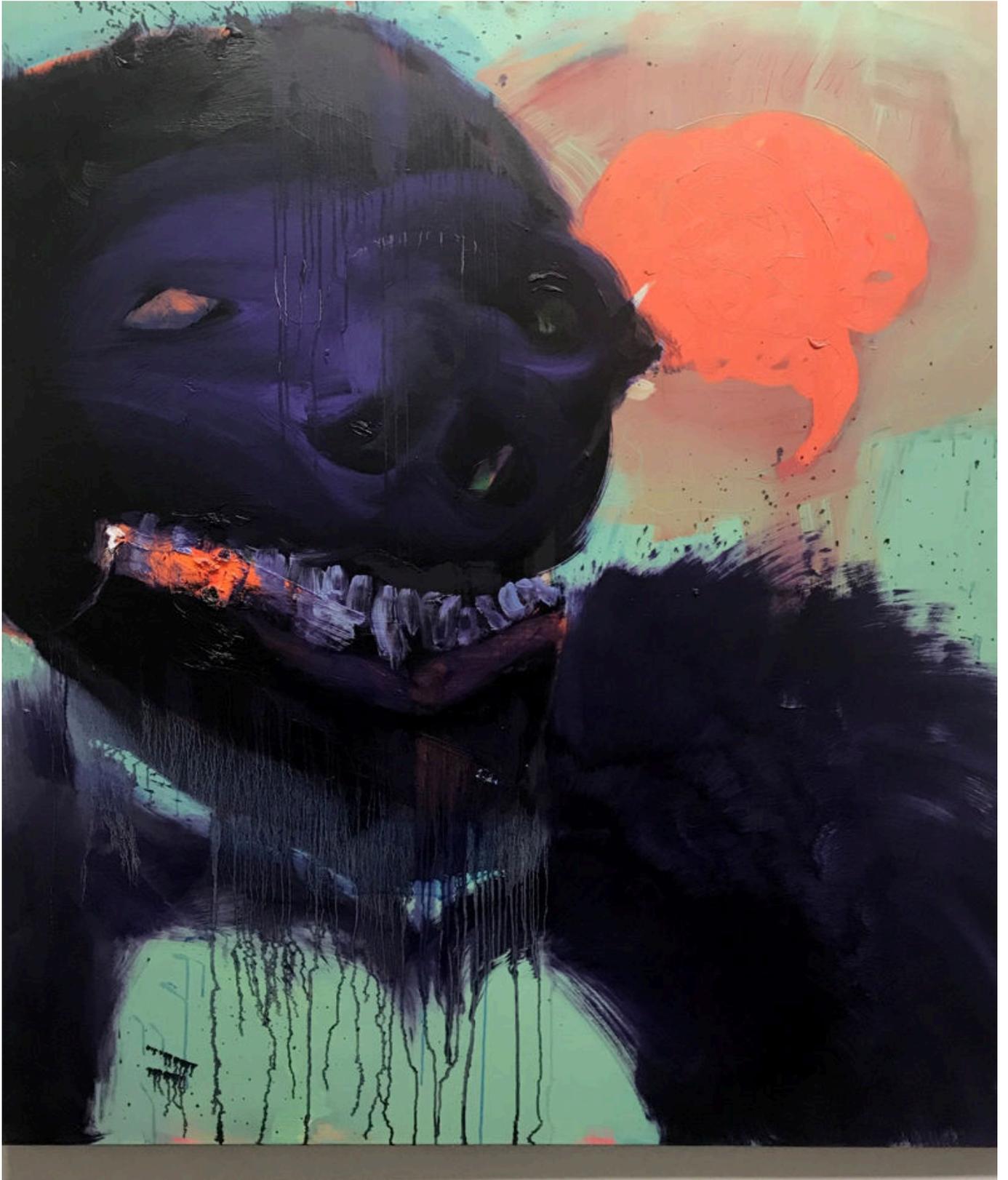


Ramin Haerizadeh (Irã), *Ele veio, ele foi embora, ele foi embora, ele veio*, 2010.

As primeiras indicações na oitava rodada das negociações do JCPOA, em Viena, iniciadas em 27 de dezembro de 2021, sugeriram que haveria pouco avanço. Os Estados Unidos chegaram com a atitude de que o Irã não era confiável, quando na verdade foram os Estados Unidos que saíram do JCPOA em 2018 (depois de certificar duas vezes em 2017 que o Irã havia de fato cumprido o acordo). Essa atitude veio ao lado de um falso senso de urgência do governo Biden para apressar o processo.

Os EUA querem que o Irã faça mais concessões, apesar de o acordo inicial ter sido negociado ao longo de 20 longos meses e apesar do fato de nenhuma das outras partes estar disposta a reabrir o acordo para satisfazer os

Estados Unidos e seu parceiro externo, Israel. O negociador russo **Mikhail Ulyanov disse** que não há necessidade de “prazos artificiais”, um indicador da crescente proximidade entre Irã e Rússia. Os laços entre os dois Estados foram fortalecidos por sua oposição compartilhada à tentativa fracassada dos Estados árabes do Golfo, Turquia e Ocidente de derrubar o governo sírio, particularmente desde a intervenção militar russa na Síria em 2015.



Aneta Kajzer (Alemanha), *Não tenho cérebro, baby*, 2017.

Ainda mais perigosa que a atitude hostil dos EUA em relação ao Irã é sua política em relação à Rússia e à Ucrânia, onde as tropas estão prontas e a retórica da guerra se tornou mais estridente. O cerne desse conflito gira em torno da expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) em direção à fronteira russa, violando o acordo firmado entre os Estados Unidos e a União Soviética de que a Otan não ultrapassaria a fronteira oriental da Alemanha. A Ucrânia é o epicentro do conflito, embora mesmo aqui o debate não esteja claro. A Alemanha e a França disseram que não aceitariam a inclusão da Ucrânia na Otan e, uma vez que a adesão à Otan exige consenso, é impossível para a Ucrânia aderir à organização neste momento. O cerne do desacordo é sobre como essas várias partes entendem a situação na Ucrânia.

Os russos afirmam que os EUA fomentaram um golpe em 2014 e levaram nacionalistas de direita – incluindo elementos pró-fascistas – ao poder, e que esses setores são parte de uma manobra ocidental para ameaçar a Rússia com sistemas de armas da Otan e com forças dos países da Otan dentro da Ucrânia, enquanto o Ocidente afirma que a Rússia deseja anexar o leste da Ucrânia. Os russos pediram à Otan que fornecesse uma garantia por escrito de que a Ucrânia não será autorizada a aderir à aliança militar como pré-condição para futuras negociações; a Otan hesitou.

Quando o chefe da marinha alemã e vice-almirante **Kay-Achim Schönbach disse** em Delhi que o russo Vladimir Putin merece “respeito” dos líderes ocidentais, ele teve que renunciar. Não fazia diferença que os comentários de Schönbach fossem baseados na noção de que o Ocidente precisava da Rússia para combater a China – apenas o desrespeito e a subordinação da Rússia são aceitáveis. Essa é a visão ocidental nas negociações de Genebra, que continuarão, mas provavelmente não darão frutos enquanto os Estados Unidos e seus aliados acreditarem que outras potências devem entregar sua soberania a uma ordem mundial liderada pelos EUA.



Olga Chernysheva (Rússia), *Pessoas gentis*, 2004.

O movimento da história sugere que os dias do sistema mundial dominado pelos EUA estão contados. É por isso que intitulamos nosso dossiê n.36 (janeiro de 2021) *Crepúsculo: a erosão do controle dos EUA e o futuro multipolar*. Em *Construiremos o futuro: um plano para salvar o planeta* (janeiro de 2022), produzido em conjunto com 26 institutos de pesquisa de todo o mundo, apresentamos os dez pontos a seguir para um sistema mundial reestruturado e mais democrático:

1. Afirmar a importância da Carta das Nações Unidas (1945).
2. Insistir para que os Estados membros das Nações Unidas assinem a Carta, incluindo seus requisitos específicos sobre o uso de sanções e força (capítulos VI e VII).
3. Reconsiderar o poder de monopólio exercido pelo Conselho de Segurança da ONU sobre decisões que afetam grande parte do sistema multilateral; envolver a Assembleia Geral da ONU em um diálogo sério sobre a democracia dentro da ordem global.
4. Insistir para que os órgãos multilaterais – como a Organização Mundial do Comércio (OMC) – formulem políticas de acordo com a Carta da ONU e a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948); proibir qualquer política que aumente a pobreza, a fome, a falta de moradia e o analfabetismo.
5. Afirmar a centralidade do sistema multilateral sobre as áreas-chave de segurança, política comercial e regulamentação financeira, reconhecendo que órgãos regionais como a Otan e instituições paroquiais como a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) suplantaram as Nações Unidas e suas agências (como a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento) na formulação dessas políticas.

6. Formular políticas para fortalecer os mecanismos regionais e aprofundar a integração dos países em desenvolvimento.
7. Impedir o uso do paradigma de segurança – notadamente, contraterrorismo e antinarcoóticos – para enfrentar os desafios sociais do mundo.
8. Limitar os gastos bélicos e militares; assegurar que o espaço exterior seja desmilitarizado.
9. Converter os recursos gastos na produção de armas em financiamento de produções socialmente benéficas.
10. Garantir que todos os direitos estejam disponíveis para todos os povos, não apenas para aqueles que são cidadãos de um determinado Estado; esses direitos devem se aplicar a todas as comunidades até então marginalizadas, como mulheres, povos indígenas, pessoas não brancas, migrantes, pessoas indocumentadas, pessoas com deficiência, pessoas LGBTQIA+, castas oprimidas e pobres.

A adesão a esses dez pontos ajudaria na resolução dessas crises no Irã e na Ucrânia.

O fracasso em avançar é resultado da atitude arrogante de Washington em relação ao mundo. Durante a coletiva de imprensa de Biden, ele falou com Putin sobre os perigos de uma guerra nuclear, **dizendo que Putin** “não está em uma posição muito boa para dominar o mundo”. Apenas os Estados Unidos, ele insinuou, estão em boa posição para fazer isso. “Você tem que se preocupar quando você tem, sabe, uma invasão de uma potência nuclear [...] se ele invadir – [o que] não acontece desde a Segunda Guerra Mundial”, disse Biden. Uma potência nuclear invadindo um país não acontece desde a Segunda Guerra Mundial? Os Estados Unidos são uma potência nuclear e invadiram continuamente países em todo o mundo, do Vietnã a Granada, passando por Panamá, Afeganistão e Iraque – uma **guerra ilegal** na qual Biden votou. É essa abordagem arrogante do mundo e da Carta da ONU que coloca nosso **mundo em perigo**.



Ouvindo Biden, lembrei-me do poema de Mario Benedetti, de 1985, *El sur también existe* (“O Sul Também Existe”), um dos favoritos de Hugo Chávez. Aqui estão dois de seus versos:

Com seu cerimonial de aço
suas grandes chaminés
seus sábios clandestinos

seus discursos grandiloquentes
seus céus de néon
suas vendas natalinas
seu culto ao deus pai
e aos galardões
com suas chaves do reino
o norte é quem ordena

...

mas aqui embaixo, embaixo
perto das raízes
é onde a memória
nenhuma lembrança omite
e há os que se desmorrem
e há os que se desvitem
e assim entre todos se consegue
o que era um impossível
que todo o mundo saiba
que o sul também existe

Cordialmente,

Vijay.